

Artigos livres

O Grupo Escolar Jansen (1937-1958): um modo de escolarizar no meio rural de Farroupilha-RS

The Jansen School Group (1937-1958): a way of schooling in rural areas Farroupilha-RS

Fernanda Piletti*

José Edimar de Souza**

Resumo: O objetivo foi compreender, a partir de memórias de alunos e de uma professora, o processo de constituição do Grupo Escolar Jansen (GEJ) instituição localizada no 2º Distrito de Farroupilha-RS. Os pressupostos teóricos e metodológicos sustentam-se na História Cultural. Foram entrevistados três alunos egressos e uma professora, que também exerceu o cargo de diretora na escola pesquisada. A análise evidencia a constituição da instituição pelos vestígios da cultura escolar, expressa por meio de práticas e representações, destacando as condições de instalação e

o funcionamento dos primeiros tempos da escola; o modo como os professores realizavam as aulas e estruturavam seu planejamento. Em síntese, a presença da escola contribuiu para que determinado tipo de ensino praticado perpetuasse memórias sobre a cultura escolar nesse lugar.

Palavras-chave: Farroupilha-RS. Grupo Escolar Jansen. Escolarização.

Abstract: The objective was to understand from the memories of students and a teacher about the process of constituting the Grupo Escolar Jansen (GEJ), an

* Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Diretora da Escola Estadual de Ensino Médio Júlio Mangoni. Integra o Grupo de Pesquisa “História da Educação, Imigração e Memória” (Grupheim). *E-mail:* fernandapiletti@gmail.com

** Doutor em Educação pela Unisinos. Professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. Vice-líder do Grupo de Pesquisa “História da Educação, Imigração e Memória” (Grupheim). Pesquisa vinculada ao Edital Universal 01/2016. Modos de Organizar a Escola Primária no RS (1889-1950) – histórias, memórias e práticas educativas. Processo número: 405151.20160 e projeto de investigação financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – Fapergs – Instituições escolares no Vale do Rio dos Sinos e na Serra gaúcha – práticas e processos de escolarização na primeira metade do século XX. Processo número 19.2551.00013035. *E-mail:* jesouza1@ucs.br

institution located in the 2nd district of Farroupilha-RS. Theoretical and methodological assumptions are based on Cultural History. Three graduating students and a teacher were interviewed, who also held the position of director of the researched school. Analysis shows the institution's constitution from the vestiges of the school culture, expressed through practices and representations, highlighting:

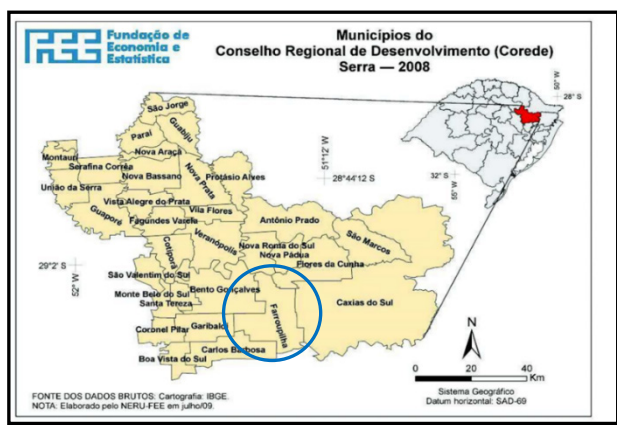
the conditions of installation and functioning of the early days of the school; the way the teachers conducted the classes and structured their planning. In summary, the presence of the school contributed to a particular type of teaching practiced to perpetuate memories about school culture in this place.

Keywords: Farroupilha-RS. Jansen School Group. Schooling.

Considerações iniciais

Farroupilha,³ como se identifica em destaque na Figura 1, é um município brasileiro pertencente ao Estado do Rio Grande do Sul. Está, aproximadamente, a 116 quilômetros distante da Capital Porto Alegre, e se localiza na microrregião de Caxias do Sul. A seguir, apresentamos o mapa de localização desse município.

Figura 1 – Mapa do Município de Farroupilha no Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Marchetto (2016, p. 31).

3 Atualmente, o destaque produtivo do município está concentrado na produção de kiwi, bem como na expansão de atividades industriais, com enfoque nas empresas coureiro-calçadistas e malharias.

Esta pesquisa fundamenta-se no aporte teórico da História Cultural, que possibilita analisar o passado pelos sentidos e significados culturais atribuídos às práticas e representações dos diferentes sujeitos que compõem determinado grupo social. Entendemos que, por intermédio da cultura, os sujeitos dão sentido ao mundo. Assim, por meio de memórias, é possível compor histórias de distintos lugares referentes a aspectos específicos atinentes a esses espaços.

Nosso interesse em desenvolver este estudo se deve pelos poucos estudos encontrados, durante a elaboração da revisão de literatura, sobre os grupos escolares no Rio Grande do Sul – em especial, em Farroupilha. Além disso, identificamos a inexistência de trabalhos científicos sobre grupos escolares rurais no interior do Município de Farroupilha, mais especificamente, sobre o GEJ.

As instituições escolares podem ser estudadas pelo viés da História Cultural, pelo fato de essa área se constituir num rico campo de pesquisa. A História Cultural tem por objetivo interrogar e observar o cotidiano de instituições, verificando suas práticas. Importa pontuar que, além de se situarem em determinado espaço físico, as instituições escolares

[...] se constituem de um conjunto de relações sociais, as quais se instauram a partir de uma base material. Sendo assim, a análise do funcionamento da instituição escolar, através dos seus aspectos materiais e administrativos, como também das práticas, dos interesses e das categorias de interpretação dos diversos grupos de agentes, é fundamental para explicar a evolução da escolarização (WERLE; BRITTO; COLAU, 2007, p. 152).

Por essa visão a respeito da escola, pelo viés da História Cultural, pode-se investigar a formação das instituições escolares. Nessa perspectiva, passa-se a contemplar a história do dia a dia escolar, considerando que uma escola se compõe de sujeitos, de práticas e de culturas produzidas em determinado lugar. Por meio de todos esses indícios, é possível traçar um panorama de como as instituições escolares se constituíram e evoluíram, analisando-se as transformações ocorridas, tendo como produto final a cultura produzida na comunidade onde a escola está inserida.

Viñao Frago (2002) argumenta que a cultura escolar pode ser

compreendida como toda a vida escolar, os acontecimentos, os fatos, as ideias, os objetos, e os modos de fazer, dizer, agir e pensar ali construídos. Ao mesmo tempo que cada instituição escolar tem uma cultura singular, no seu interior, coexistem culturas. A perspectiva das culturas escolares é importante para investigações sobre as instituições, por abranger questões cotidianas que envolvem essas práticas, bem como as representações em torno de uma escola, um grupo social, um modo como uma comunidade se organiza. Sendo a cultura escolar produzida pelo homem, ela se transforma, no decorrer do tempo, e constrói permanências e mudanças, que, por fim, resultam no processo histórico de sua constituição.

Werle (2004), ao investigar o processo histórico de criação e o funcionamento das instituições escolares, argumenta quanto à possibilidade de se compreender o contexto social, político e histórico da comunidade do entorno da escola, verificando-se como esses aspectos de contexto podem contribuir para elucidar práticas e culturas.

Estudar a história das instituições escolares é abordar, de forma mais abrangente, aspectos sobre a escola, seus espaços, tempos, rituais e símbolos, além dos sujeitos que fazem parte da sua constituição. Assim, se analisam as relações que constituem a vida escolar, de modo que a união desses elementos nos faz perceber como se dá a formação das práticas e representações acerca das culturas escolares em determinado espaço e tempo.

Para compreender esse processo histórico, foram utilizadas a análise documental e as narrativas orais. Sendo a memória subjetiva, a possibilidade de sua construção histórica pode ocorrer a partir de um ponto de vista. Essa interpretação permite escrever uma narrativa possível, que advém da oralidade e também da análise de documentos oficiais, imagens, fotografias, entre outros.

Para Halbwachs (2006) a memória é um processo de construção, não se tratando apenas de repetição linear de acontecimentos e vivências. Por isso, memórias são localizáveis em dados tempo e espaço, estando envoltas em um contexto. Ainda, segundo as ideias do mesmo autor, para que ocorra a lembrança, é necessário o convívio social em grupo, pois a lembrança individual do sujeito está atrelada à lembrança do grupo onde ele está inserido.

Nesse âmbito, a memória social é uma construção realizada em grupo,

pois o sujeito da lembrança está inserido na sociedade. Assim, a lembrança é o produto final de um processo coletivo num dado contexto. Em outras palavras, mesmo que apenas um indivíduo tenha vivenciado determinado acontecimento, sua lembrança será sempre coletiva, pelo fato de estar inserido em um contexto social específico. Desse modo, a memória compartilhada pode fornecer bases para elaborar relatos consistentes, auxiliando na construção da história das instituições escolares.

Em relação ao desenvolvimento metodológico, a pesquisa analisa memórias de alunos e de uma professora, como se identifica no Quadro 1. Além disso, as participantes desta pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido optando pela sua identificação.

Quadro 1 – Sujeitos da pesquisa entrevistados

Entrevistado(a)	Idade	Data de nascimento	Período de envolvimento com o grupo	Lugar social no GEJ
Ernilda Maria Cavalli Tocchetto	90 anos	14/01/1927	12/11/1947 – 20/12/1961	Professora
Therezinha Ana Mangoni	82 anos	18/05/1935	1943-1949	Aluna do primário
Waldeni João Mangoni	79 anos	29/08/1938	1946-1950	Aluno do primário
Edejalme José Mangoni	87 anos	12/10/1931	1938-1943	Aluno do primário

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para chegar a esses participantes, num primeiro momento, realizou-se a análise dos documentos disponíveis na escola, observando as assinaturas contidas no documento “Livro de Ponto do Grupo Escolar Jansen”, cujos registros foram feitos a partir de 1º de agosto de 1938. No mesmo livro, encontra-se a assinatura dos demais professores que fizeram parte do quadro docente no período referido.

O passo seguinte foi conversar com ex-diretoras e com moradores da comunidade para identificar possíveis sujeitos para contribuírem no

estudo. Na sequência, observando-se os princípios da metodologia da História Oral, como descrevem Amado e Ferreira (2002), a partir de um roteiro semiestruturado, que visava conhecer e compreender os primórdios da escolarização nesse lugar.

Como argumentado em outra pesquisa, Identifica *versus* Identifica (2014), a memória não se constitui apenas em um depósito de lembranças, mas serve à leitura de determinado contexto, para interpretação e compreensão do investigador diante das representações e do modo como os sujeitos rememoram, das escolhas que realizam e da narrativa que constroem no tempo presente.

É importante pontuar ainda que as “histórias orais acrescentam uma dimensão não oficial inestimável para a história educacional” (ERRANTE, 2000, p. 146). Nesse contexto, é possível cruzar as estórias individuais narradas em documentos provenientes de arquivos. Assim, por meio da oralidade que constitui as narrativas e os documentos, buscou-se reconstruir locais onde a história aconteceu, entendendo os processos, as práticas e as culturas vividas por esses sujeitos, percurso que permite desdobrar as reflexões sobre o tempo vivido nesse espaço, produzindo uma historicidade possível acerca dos indícios encontrados nos diferentes documentos.

O Grupo Escolar Jansen: aspectos históricos de sua constituição

No contexto das práticas, podemos perceber, segundo Chartier (2002), como as instituições foram se organizando em uma incipiente rede de escolarização. A escolarização é, aqui, entendida, no dizer de Faria Filho (2004), como uma forma de conhecer e compreender, por meio de narrativas e documentos, os processos, as normas, os valores e as condutas que perpassaram a institucionalização da escola em um espaço e em um tempo específicos. Além disso, acrescenta Escolano Benito (2017), que mediante o reconhecimento do passado, é possível entender as transformações, as permanências e as mudanças dos espaços e materiais das primeiras experiências formativas.

No plano histórico, uma instituição educativa reflete uma complexidade pedagógica e organizacional, que relaciona e agrega elementos materiais e humanos. Além disso, a constituição de uma instituição escolar

apresenta um cenário de disputas, de tensões, pois essas entidades são projetos arquitetados e desenvolvidos a partir de quadros sociais e culturais (MAGALHÃES, 1998).

No que concerne à escola na Vila Jansen, objeto deste estudo, observamos que a instituição foi criada em 1937 e iniciou como Grupo Escolar Linha Jansen e, posteriormente, recebeu o nome de Júlio Mangoni, um dos principais investidores da região.⁴ No decorrer dos séculos XX e XXI, o GEJ foi denominado de outras formas, que são descritas no Quadro 2. Vale ressaltar que, assim como tantas outras escolas da região, o GEJ apresenta uma trajetória de mudanças no seu espaço físico, desde sua criação até o projeto de instauração da escola em prédio próprio.

Quadro 2 – Designação do GEJ nos séculos XX e XXI

Denominação	Data de início da denominação	Data final da denominação
Grupo Escolar Linha Jansen	24/09/1937	10/03/1970
Grupo Escolar Júlio Mangoni	11/03/1970	10/08/1971
Escola de 1º Grau Incompleto Júlio Mangoni	11/08/1971	21/10/1979
Escola de 1º Grau Júlio Mangoni	22/10/1979	13/12/2000
Escola Estadual de Ensino Fundamental Júlio Mangoni	14/12/2000	07/09/2005
Escola Estadual de Ensino Médio Júlio Mangoni	08/09/2005	Até o presente momento.

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

⁴ Nesse sentido, os investimentos de Júlio Mangoni na Vila Jansen ocorreram nos setores do comércio e serviços. A Casa de Negócios Mangoni abrigava um comércio de secos e molhados. Segundo relatos de Leocindo Possa, “O comércio tinha um coberto que cobria toda a estrada de lado a lado, este coberto servia de garagem para as carroças quando carregavam e descarregavam mercadorias” (GÜLDEN *et al.*, 2000). A comunidade contava também com uma Serraria, onde havia um engenho que possibilitava o corte da madeira para a construção das moradias da localidade. O local foi de grande importância, pois, anteriormente à instalação, as tábuas eram cortadas a cunho. Por fim, com a ajuda do moinho, foi instalada uma usina hidroelétrica que fornecia energia aos moradores da localidade, potencializando a economia local.

As atividades do Grupo Escolar Linha Jansen iniciaram em 1º de agosto de 1938. Sua sede era no Clube Recreativo Farroupilha onde funcionou, provisoriamente, até 1941. No ano de 1941, esse grupo escolar transferiu-se para dependências da subprefeitura da localidade, onde funcionou até o mês de maio de 1958. No dia 23 de junho de 1958, procedeu-se à inauguração do novo prédio.⁵

Na Fotografia 1, a seguir, está evidenciado o GEJ no ano da inauguração do prédio próprio, em 1958.

Fotografia 1 – Duas visões do prédio: antigo e construído – GEJ (1958)



5 No ano 1971, foi alterada a designação da instituição passando a se denominar Grupo Escolar Júlio Mangoni, em homenagem ao fundador da Vila Jansen e um dos homens de maior destaque na comunidade – comerciante, industrialista e benfeitor, que doou as terras onde a escola foi implantada. A escola sofreu uma ampliação e, com isso, passou a ministrar o ensino de primeiro grau incompleto. Anos mais tarde, foi autorizado o funcionamento das quinta, sexta, sétima e oitava séries, nos anos de 1976, 1977 e 1978, respectivamente. Em 1979, a primeira turma de alunos concluiu o primeiro grau em sua própria comunidade.



Fonte: Arquivos do GEJ (1958).

A institucionalização de uma escola na localidade possibilitou elaborar alguns questionamentos que foram perseguidos no decorrer deste artigo, no sentido de compreender como se organizavam as aulas no espaço escolar rural. Ressaltamos que é necessário considerar que o ensino rural, nessa localidade está inserido no contexto da imigração. Nesse sentido, buscou-se, nesta seção, apresentar o contexto onde o processo de escolarização se desenvolveu.

Um modo de escolarizar: análise a partir de vestígios da cultura escolar

A cultura escolar está intimamente a outras formas de cultura, como a política, a religiosa e a social. Para além dessas relações, a cultura escolar está relacionada com o fazer diário da escola, as ideias e as ações cotidianas. Compreende-se que a cultura escolar é composta por objetos concretos e por elementos imateriais que emergem do contexto de funcionamento da escola. Assim, independentemente da instituição educativa, todas elas possuem, em seu meio, culturas escolares próprias, com características

peculiares, visto que a cultura não se constitui de forma homogênea em todos os educandários. Por entre novos olhares voltados à cultura escolar, é possível aumentar o campo de investigação sobre as instituições escolares e as questões recorrentes nas suas práticas e representações.

No contexto de Grupos Escolares como o GEJ, para que as aulas pudessem acontecer de forma harmônica, fazia-se necessário um modo de organização, que ocorria por meio do planejamento das aulas. Esse aspecto se constitui em importante fonte para se compreender a cultura escolar. Educar, nesse âmbito, era muito mais que instruir; segundo Souza (2004, p. 127), “[...] pressupunha um compromisso com a formação integral da criança que ia muito além da simples transmissão de conhecimentos úteis dados pela instrução e implicava essencialmente, a formação do caráter mediante a aprendizagem da disciplina social.

Para que a educação se desdobrasse da melhor forma possível, como relembra dona Ernilda, assim era o planejamento das aulas: *“Nós fazíamos planos, a Delegacia de Ensino dava exemplos, como é que se diz, um guia ‘né’, ali eles te apresentavam, por exemplo, um plano sobre, para um mês.”* Esse planejamento se desenvolvia com o auxílio dos materiais que haviam pertencido à sua mãe, conforme ela relembra: *“Ela ficou só dois anos, porque ela foi nomeada em trinta e seis, [...] ela ficou dois anos só lecionando, minha mãe era assim, ela aprendia e aí ela passava para os outros.”* Quanto a essa lembrança, vale observar que as memórias sugerem que o saber da experiência e as lembranças do seu tempo de aluna eram considerados no momento em que as professoras iniciavam a vida docente.

Essa forma de transmitir o conhecimento vai além para Fischer (2005), pois, ao transmitir saberes, a professora primária era um ser *quase divino*, que assumia o compromisso e a missão da transcendência, como propagadora de verdades relacionadas à moral e aos bons costumes. Desse modo, a docente era incumbida de expressar uma moral que deveria servir de exemplo aos alunos e à comunidade onde estava inserida.

Ainda em se tratando do planejamento, segundo as memórias da professora entrevistada, ao que tudo indica, nas aulas, o plano se constituía de forma muito simples, e se incluíam as atividades de oração e chamada. Quanto ao desenrolar das aulas, ela lembra que se trabalhava com a realização de lições, atividades e exercícios de caligrafia. Essa mesma estrutura

de planejamento foi utilizada por outras professoras segundo Ernilda.

[...] Eu não tenho mais os planos, pois a filha da dona da Malharia Panes, ela lecionou e veio aqui e me pediu se eu tinha alguma coisa para mostrar para ela, eu, aquilo que eu tinha eu dei tudo para ela, dei livros, dei os planos. (Ernilda, entrevista, 2017).

Para a realização do planejamento proposto pela professora, Therezinha relembra que possuía *“[...] quadrinho pequeno, assim, que era tipo uma lousa, assim, que escrevia e apagava, escrevia e apagava”*. Esse aspecto está em conformidade com a memória de Waldeni, que acrescenta: *“[...] tinha que poupar papel ‘né’ [risos]”*. Nesse processo de revisitar as memórias, a entrevistada ainda relembra que se faziam atividades de caligrafia: *“Tinha, (caligrafia) ‘pra’ nós aprender a fazer direito as letras.”* Essas memórias podem ser analisadas mediante a perspectiva do tempo social. Nesse sentido, para Halbwachs (2006), por meio das memórias, é possível conhecer e compreender as características históricas, políticas e sociais que identificam determinado grupo, as quais vão sendo construídas por intermédio das interações e experiências que os sujeitos vinculam à sua história.

Tanto a aluna Therezinha quanto os alunos Waldeni e Edjalma, lembram como se constituíam as aulas e as práticas relacionadas à Educação Física: *“Tinha ginástica, apito, tudo”* (Therezinha, entrevista, 2017). Waldeni, revistando as memórias, referindo-se às aulas de Educação Física, complementa: *“Bom, a única coisa que tinha que fazer era exercício essas coisas, agora não chuta a bola, que era castigo uma semana”* (Waldeni, entrevista, 2017). Além da prática de ginástica na Educação Física, o entrevistado ainda adiciona: *“Tinha o caçador,⁶ essas coisas, mas às vezes dava uma ‘vontadezinha’ e dava um chute na bola.”*

Desse modo, é possível pontuar que as práticas realizadas nessas aulas construíram uma cultura e serviram de elemento de expressão individual e de integração social. Segundo Giacomoni

6 Ao usar o termo *caçador*, Waldeni se refere à brincadeira que tinha como objetivo atingir com a bola o maior número possível de jogadores adversários, até não restar nenhum.

No Brasil, a Educação Física geralmente esteve ligada, ou rememorada, pelos seus ideais de saúde corporal vinculados ao campo da medicina. Esses são os preceitos inicialmente assumidos no interior da escola, por entender que, através de hábitos saudáveis provenientes dos exercícios físicos, os alunos teriam maior desenvolvimento físico, moral e intelectual (2018, p. 63).

Ainda quanto a esse aspecto, vale ressaltar que, no período investigado nesta pesquisa, conforme Corrêa (2009), a Educação Física recebeu maior atenção das políticas educacionais de âmbito nacional, passando a ser contemplada nos documentos constitucionais e nas reformas do ensino.

Em relação à estrutura do prédio, no ano de sua criação, o GEJ funcionava em um espaço improvisado, no Clube Recreativo Farroupilha. Anos depois, foi transferido para um local na Subprefeitura da localidade. Somente no ano de 1958, a instituição instalou-se em prédio próprio. Nesse sentido, a Professora Ernilda contribuiu com suas memórias a respeito da edificação do prédio da escola.

[...] Meu marido foi muitas vezes a Porto Alegre, por causa da construção da escola. Mas depois lá a gente que escolhia os trabalhadores para fazer as coisas “né”, [era] a empresa que ia... Para construir aquela escola, os pais vinham até a escola para saber sobre os filhos, foi criado um círculo de pais e mestres, eles vinham, sim, mas com dinheiro não ajudavam muito não. (Ernilda, entrevista, 2017).

Outra memória que se refere à estrutura física da escola, pertence a Waldeni: “[...] Era uma escolinha pequena, nos fundos um potreiro, as vacas passavam ‘pro’ lado de lá e tudo [...]. Tinha um policial que morava dentro do potreiro também [...]” (Waldeni, entrevista, 2017). O local é mostrado na Figura 2.

Fotografia 2 – Fundos do prédio do Grupo Escolar Linha Jansen (1958)



Fonte: Acervo da Secretaria da Escola Júlio Mangoni, Farroupilha-RS.

Na fotografia se identificam as instalações que eram utilizadas pelos alunos como pátio para a prática de Educação Física. A estrutura e os recursos para que as práticas se efetivassem aconteciam em campo aberto, diferentemente das condições que conhecemos no contexto contemporâneo. Observamos que, após o estabelecimento em prédio próprio, a estrutura do GEJ era constituída de quatro salas de aula e um banheiro localizado fora do prédio escolar, denominado de *patente*.

No que se refere ao mobiliário, conforme Bencostta (2008), vários profissionais de diversificadas áreas, como arquitetos, médicos e educadores, conceberam objetos que estivessem higienicamente adequados ao bem-estar dos alunos em sala de aula. Em relação a esse aspecto, segundo as memórias de Therezinha e Ernilda, nas salas de aula do GEJ, *“As classes eram aquelas de madeira que levantava o tampão e o banco tinha encosto [...] era fixa, tipo o da igreja, assim, tem encosto, mas atrás tem mais gente [...]”* (Therezinha, entrevista, 2017).

Além disso, Ernilda também rememora que havia “[...] *bancos compridos, as classes, as classes eram mais ou menos separadas, não eram tão juntas, mas o banco era junto e de madeira.*” (Ernilda, entrevista, 2017).

Em consonância com tais memórias, é possível compreender que os objetos da cultura escolar são oriundos de uma produção social e carregam as marcas de seu tempo, bem como das relações estabelecidas. Além disso, há sempre uma relação de dependência entre os objetos e as ações desenvolvidas nas instituições escolares (KINCHECKI; SOUSA, 2017, p. 2).

Na Fotografia 3, está ilustrada uma sala de aula do GEJ. Apesar de a foto não conter um registro de data, as condições dos objetos escolares indicam que pertenciam à década de 1950.

Fotografia 3 – Sala de aula no GEJ



Fonte: Acervo da Secretaria da Escola Júlio Mangoni, Farroupilha-RS.

Para Bencostta (2008), com o decorrer do tempo, o mobiliário dos grupos escolares foi se modernizando. Em relação à estrutura do GEJ,

Ernilda (2017) relembra que os bancos das classes eram de madeira, mas eram juntos e comportavam mais de um aluno, o que contribuiria para o desenvolvimento do trabalho coletivo entre os estudantes. Já Therezinha, que foi sua aluna na década de 1940, relembra que os bancos já eram separados, conforme mostra a Fotografia 3, e dispostos um atrás do outro. Essa diferença evidencia que as memórias das entrevistadas pertencem a períodos de tempo diferentes. Mais especificamente, é possível pressupor que a memória de Ernilda remeta ao tempo em que ela estudava, e não ao período no qual foi docente no GEJ.

Conforme ilustra a imagem, no ambiente da sala de aula, em frente das classes, estava o quadro-negro, acima do qual se encontrava afixado um crucifixo. Em relação a essa disposição espacial, como ressalta Boto (2014), a escola foi utilizada pelo Estado e pela Igreja para desenvolver controle. Na comunidade de Linha Jansen, não foi diferente, como lembrado por Waldeni, no que se refere à doação do terreno por seu pai Júlio Mangoni para a construção da igreja e da escola.

[...] se faz a igreja aqui eu dou o terreno de graça [pra Igreja e para a Escola]. Como é que era o padre, aquele, era de Nova Roma, eles tinham a igreja ali embaixo, que era tudo plano, acho meu pai tinha preguiça descer ali embaixo né [...]. (Waldeni, entrevista, 2017).

Para a comunidade, a orientação religiosa estava intimamente ligada à orientação educacional. Nesse sentido, pressupõe-se que os professores eram responsáveis por propiciar aos alunos orientação cristã-católica, instituída como religião oficial do Estado. Além de expor o crucifixo na sala de aula, estabelecia-se que os alunos tivessem a prática diária de rezar antes do início das aulas e da hora do lanche.

Quanto aos objetos que compunham a cultura material, além do mobiliário das salas de aula, que era constituído de quadro-negro, classes e cadeiras para os alunos e para o professor, havia uma bandeira do Brasil, forte indicativo do nacionalismo, visto que esse elemento estava

[...] carregado de simbologia, rememorava a “Pátria amada”.
Cumpre ressaltar que, além de serem afamados nas solenidades,

esses símbolos eram cultuados diariamente na escola como forma de manter vivas as tradições e de fomentar os sentimentos cívicos (FERNANDES, 2015, p. 140).

Na década de 1930, a escola assumiu caráter estratégico para a reconstrução nacional, devendo contribuir para o projeto de nacionalização que, segundo Fernandes (2015, p. 109), tinha por função “[...] diminuir ao máximo o índice de analfabetismo, imprimindo uma identidade aos currículos escolares, uniformizando valores e sentimentos da cultura nacional, especialmente no meio rural”.

Os alunos frequentavam a escola, além de ajudar nas tarefas de casa e na roça. Mas, pelas intercorrências de clima, nas diferentes épocas do ano, eles, recorrentemente, faltavam, por terem a locomoção dificultada pelas chuvas e pelo frio, de modo que não conseguiam, nessas condições, percorrer vários quilômetros a pé para chegar à escola. Outras vezes, tinham de ficar em casa para auxiliar na colheita de produtos sazonais. Sobre as memórias a respeito da frequência escolar, Therezinha relembra: “[...] *tinha que ir para a escola, o pai obrigava. [...] Tinha que levantar às três ‘pra’ fazer pão, fazer pão no forno, dava comida para a família, tinha uns trinta, minha mãe trabalhou [...]*”. (Terezinha, entrevista, 2017).

Mesmo vivendo em um período marcado por inúmeras dificuldades para frequentar a escola, foram evocadas memórias que remetem à seguinte consideração de Maranhão: “A escola rural não terá apenas a função de alfabetizar, ou melhor, de formar o espírito do aluno. Será, em sua zona de atividade, um berço de civilização.” (1952, p. 5). Nesse sentido, os ex-alunos e a docente têm boas lembranças da escola, das aulas e das brincadeiras. Um dos episódios ocorridos durante uma aula foi relatado pela professora Ernilda.

[...] Uma vez me aconteceu uma que, tinha o Eleu Giacomelli, depois ele faleceu jovem ainda, que ele tinha um passarinho no bolso, eu não sabia de nada, então veio um aluno na minha mesa com o caderno para corrigir coisas, sei lá se era português, matemática, não sei te dizer, ‘professora, o Eleu tem um passarinho no bolso’ e aí o que que eu fiz, eu disse, agora eu não vou falar nada porque senão todo mundo vem com passarinho, depois ‘né’. [...] Me parecia, eu ‘né’, aí eu disse: – ‘Eleu, é verdade que tu tem um passarinho no bolso?’, ele me

olhou, se assustou, e eu disse: – ‘Não fica com medo, não fica com medo, tu me pede licença, tu vai lá pra fora, vai no banheiro’, porque o banheiro era uma casinha lá fora ‘né’, com o buraco lá, sabe [...] patente, lá fora, longe, no fundo do pátio e eu disse: – ‘Tu solta ele, ‘tá’, porque senão depois todo mundo vem com passarinho’, eu disse, ‘né’, ele vai criar problemas e ele foi, foi e pronto, [risos] queridos!’ (Ernilda, entrevista, 2017).

A partir do excerto acima, pode-se refletir sobre as práticas cotidianas relacionadas às aulas e sobre como a professora, de maneira a não causar tumulto, conduziu a situação para que o ato de “soltar o passarinho” passasse despercebido pelos alunos. Em relação a esse aspecto, Fernandes (2015) afirma que a construção da identidade desses professores perpassa pelos discursos que normatizam as práticas e formas de agir desses sujeitos. Assim, eles puderam, ao longo do exercício de docência, agregar conhecimento às formas de aprendizagem decorrentes das relações que foram estabelecidas no contexto da região, do espaço e da sociedade onde estavam inseridos. Ao encontro disso, para Certeau (2011), as práticas são constituídas de diferentes maneiras de expressão das estratégias e táticas.

Um fator a ser considerado, em relação à disposição dos alunos na sala de aula, relaciona-se com a separação por turmas, dado que a classe se compunha de maneira multisseriada. Essa divisão era apenas conceitual; não havia uma separação física, com paredes. Assim, as classes eram mistas, constituídas de meninos e meninas, conforme a memória de Terezinha: “[...] *As salas não eram divididas em meninos e meninas, era tudo junto.*” (Terezinha, entrevista, 2017). Esse aspecto precisa ser considerado, uma vez que as instituições recebiam o nome de grupo escolar; mas, na prática, tais entidades não possuíam as características previstas para as “suntuosas e imponentes instituições” que figuravam na paisagem da cidade, como pontua Souza (2008).

Portanto, o que fica evidenciado a partir das memórias em torno da institucionalização escolar é que as práticas moldaram as representações relacionadas à educação nesse grupo escolar, situado na área rural, atendendo à demanda por ensino em uma localidade pouco assistida pelo governo em termos de recursos financeiros.

Para além do fazer pedagógico do professor, havia as orientações que eles recebiam das instâncias superiores de educação. Uma visita relacionada

a tais diretrizes consta no “Livro de Atas de Inspeção e Visitas” do GEJ. A primeira visita é datada de 12 de maio de 1939; contudo, o livro recebeu registros de visitantes ilustres até o ano de 2017. Nesse documento, está registrado que, nos anos abrangidos por esta pesquisa, o GEJ recebeu visitas periódicas do Delegado Regional de Ensino, das Orientadoras de Educação Elementar e das Orientadoras de Ensino Primário. As visitas tinham como função instruir a equipe e verificar o bom funcionamento do grupo escolar. Como está representado no excerto abaixo, datado de 1948, o GEJ recebeu a orientadora de ensino primário, Wanda A. Jaconi. No texto escrito por ela, na Ata, estão indicados os vários aspectos abordados durante a visita.

Visitei este Grupo Escolar, orientando sobre: 1. Ensino da Composição. 2. Sistematização do ensino da adição. 3. Organização do material didático. 4. Instituições Escolares – funcionamento e relatório. 5. Boletins mensais. 6. Livros de chamada. 7. Legislação escolar. 8. Planos de lição. 9. Plano de direção. (LIVRO DE ATAS DE INSPEÇÃO E VISITAS, 28/09/1948).⁷

O registro em ata apresenta a preocupação com a educação, quando menciona o “Ensino da Composição e a Sistematização do Ensino da Adição”. Além disso, o excerto traz os outros aspectos referentes à organização da escola, atinentes à secretaria e a questões burocráticas, como boletins mensais, livros de chamada e planos de lição. O registro seguinte indica ainda outros propósitos das visitas.

Nesta data, estive, em visita de orientação, neste Grupo Escolar. Foram tratados os seguintes assuntos: Necessidade do conhecimento da legislação do ensino, pelas professoras – seus direitos e deveres. Planejamento do trabalho escolar. Organização da escola. Gráfico de aproveitamento dos alunos. Distribuição do tempo – horários. Funcionamento das instituições escolares e sua documentação. (LIVRO DE ATAS DE INSPEÇÃO E VISITAS, 09/10/1947).

⁷ Dada a importância das informações atinentes ao período de ocorrência de cada registro constante no Livro de Atas de Inspeção e Visitas do GEJ, neste trabalho, todas as citações ao documento estão acompanhadas da respectiva data de registro.

Nesta seção, buscamos analisar as memórias associadas à cultura escolar do GEJ, elementos que possibilitaram compreender como o processo de escolarização aconteceu nessa região do Município de Farroupilha, entre as décadas de 1940 e 1950. Guardadas as singularidades das memórias dos entrevistados, é possível inferir sobre o ensino realizado no meio rural à época, compreendendo-se aspectos atinentes às dificuldades iniciais para institucionalizar a escola, às práticas pedagógicas e ao modo como as experiências escolares da Professora Ernilda refletiam uma forma de ensinar nesse contexto.

Considerações finais

As instituições escolares são capazes de produzir culturas específicas, próprias e originais. São constituídas por sujeitos envolvidos na ação educativa, entre eles, professores, alunos, funcionários e outros. Muito além da sua constituição, tais entidades possuem modos de fazer, práticas e elementos de uma cultura material que compõe o espaço escolar.

O estudo mostrou que, desde o início de suas atividades, mesmo não tendo sede própria, o GEJ esteve destinado a prover uma formação primária, oferecendo ensino aos filhos de agricultores e comerciantes. Os alunos da comunidade eram de orientação religiosa católica, filhos de pais quase sempre analfabetos, como consta nos registros, e alguns poucos com formação primária.

De modo geral, as representações dos entrevistados sobre aquele tempo, bem como as informações contidas nos documentos analisados, evidenciam as orientações prescritas ao GEJ e o modo como a educação pretendia conduzir a população daquele lugar para determinada *civilidade*. Os costumes e modos de ser de aluno e professor eram pautados pela visão pedagógica da época, sobretudo por uma intencionalidade atinente ao ensino da “boa moral e dos bons costumes”, como pontua Cunha (2009).

A presença do grupo escolar, juntamente com outras entidades do local, como as escolas multisseriadas, conduziu o lugar ao pretenso progresso que se almejava entre as décadas de 1940 e 1950. Além disso, as memórias dos primeiros tempos e das instalações provisórias da escola indicam que havia um desejo da comunidade quanto à presença da instituição nesse lugar.

Referências

- AMADO, Janáina; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos & abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. de Marcia Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: Difusão Editorial, 2002.
- BENITO, Augustin Escolano. *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Campinas: Alínea, 2017.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Grupos Escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. *Histórias e memórias da educação no Brasil. séc. XX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. v. 3.
- CORRÊA, Denise Aparecida. *Os governos de Getúlio Vargas (1930-1954) e a Educação Física Escolar no Estado de São Paulo: lembranças de velhos professores*. 2009. 242 f. Tese (Doutorado em História) – PUCSP, São Paulo, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Saberes impressos, escritas da civilidade e impressos educacionais - décadas de 1930 a 1960). In: YAZBECK, Carolina; ROCHA, Marlos Bessa Mendes da (org.). *Cultura e história da educação: intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2009. p. 233-251.
- ERRANTE, Antoniette. Mas, afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. *História da Educação*, Pelotas, v. 4, n. 8, p. 141-174, set. 2000. Disponível em: <http://www.seer.ufgrs.br/asphe/article/view/30143/0>. Acesso em: 15 jul. 2017.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). *A infância e sua educação: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- FERNANDES, Cassiane Curtarelli. *Uma história do Grupo Escolar Farroupilha: sujeitos e práticas escolares (Farroupilha-RS, 1927-1949)*. 2015. 218 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UCS, Caxias do Sul, 2015.
- FISCHER, Beatriz Terezinha Daudt. A professora primária nos impressos pedagógicos (de 1950 a 1970). In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). *História e memórias da educação no Brasil: século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 324-335. v. 2.
- GIACOMONI, Cristian. *A Educação Física na escola primária: memórias de professoras e alunos da Giuseppe Garibaldi – Caxias do Sul-RS (1974-1989)*.

2018. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UCS, Caxias do Sul, 2018.
- HALBWACHS, Maurício. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- MAGALHÃES, Justino Pereira de. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara. *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998.
- MARCHETTO, Suelen. *Ensino Médio Politécnico no Rio Grande do Sul (2011-2014): fatores que interferem na ressignificação da política, no contexto da prática, em escolas de Farroupilha-RS*. 2016. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unisinos, São Leopoldo, 2016.
- MARANHÃO, Jarbas. Educação: obra de conjunto. *Gazeta de Novo Hamburgo*, Novo Hamburgo, ano 6, n. 42, p. 5, 23 out. 1952.
- SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da escola primária. In: SAVIANI, Dermeval et al. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 109-151.
- SOUZA, Rosa Fátima de. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: (ensinos primário e secundário no Brasil)*. São Paulo: Cortez, 2008.
- VINAO FRAGO, Antonio. *Sistemas educativos, culturas escolares y reformas*. Madrid: Morata, 2002.
- WERLE, Flávia Obino Corrêa. História das instituições escolares: responsabilidade do gestor escolar. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, n. 3, p. 109-119, jan./dez. 2004.
- WERLE, Flávia Obino Corrêa; BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá; COLAU, Cinthia Merlo. Espaço escolar e história das instituições escolares. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 147-163, set./dez. 2007.